

FRANK PAYNE

E A
CAVERNA MISTERIOSA



MARCELO GAMÓN

FRANK PAYNE

E A CAVERNA MISTERIOSA

MARCELO GAMÓN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gamón, Marcelo

Frank Payne [livro eletrônico] : e a caverna misteriosa / Marcelo Gamón. -- 1. ed. -- Suzano, SP : Ed. do Autor, 2021. -- (Frank Payne e a caverna misteriosa ; 1)

ISBN 978-65-00-24538-7

1. Aventuras - Literatura infantojuvenil
 2. Fantasia - Literatura infantojuvenil
 3. Literatura infantojuvenil I. Título
- II. Série.

21-68660

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Acesse o site:

www.frankpayne.com.br

e as redes sociais:

facebook.com/frankpayne.livros

twitter.com/FrankPayneBR

instagram.com/frankpayne.livros

ou nosso e-mail:

contato@frankpayne.com.br

Esse livro é dedicado à minha filha Isabela que me inspira cada dia a viver uma nova fantasia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha esposa Bruna, que sempre apoiou todas as minhas loucuras e aguentou ao longo de muitas madrugadas o barulho e a luz do computador acesa.

Agradeço aos meus pais e meu irmão por sempre me apoiarem a não desistir de meus sonhos.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e familiares pela parceria, em especial ao Guilherme Sonobe por ser o primeiro leitor a encarar essa aventura, Vitão Paoluk pelas ideias na criação e história do vilão, Jeff Reis pelas dicas valiosas e seus enigmas excepcionais, e pela maestria nas consultorias fantásticas de Miler Sardinha.

Um agradecimento especial para Roland Blass (secretário do Conselho da Comissão da Língua Chamorro), Anna Marie Arceo e a equipe de professores e educadores que, com toda dedicação promovem para que esse incrível idioma não seja extinto.

- 1. A maré não está para peixe**
- 2. Uma profunda ameaça**
- 3. A revelação**
- 4. A pedra do devaneio**
- 5. Estratégia militar**
- 6. O embarque**
- 7. Conhecendo o território**
- 8. Uma aliança se forma**
- 9. Os fuzileiros chegam à ilha**
- 10. Experiência divina**
- 11. Desenterrando o passado**
- 12. A Fossa das Marianas**
- 13. Uma missão suicida**
- 14. Reconhecendo o terreno**
- 15. O batalhão se divide**
- 16. A fantástica revelação**
- 17. Bolduf: O sábio Delver**
- 18. Erik Morgan**
- 19. Peixomem**
- 20. Um vulto misterioso**
- 21. A caverna desmorona**
- 22. Um adeus inesperado**
- 23. O templo sagrado**
- 24. Thomas S. Wolf**
- 25. O enigma de Artmeck**

- 26. As lágrimas de George Nelson**
- 27. Surge um novo guerreiro**
- 28. O guardião do elemento água**
- 29. A ambição fala mais alto**
- 30. Devorador de mentes**
- 31. Um novo recomeço!**
- 32. A clínica psiquiátrica**
- 33. A lendária espada Gram**
- 34. Ataque sem piedade**
- 35. Voltando para a casa**
- 36. A verdade é revelada**
- Epílogo**

Não foi a primeira e nem a última vez que Frank havia se metido em encrencas, mas nada se compara ao que você vai ler. Lembro-me como se fosse hoje do dia mais maluco e intrigante de nossas vidas. Tudo começou quando estávamos nos formando no colégio. Eu andava indecisa do que faria de faculdade, já Frank não partilhava da mesma dúvida. Desde criança, dizia que um dia seria um grande cientista e que levaria para casa o prêmio Nobel. Mal sabia ele que sua conquista seria muito maior e incalculável para a humanidade.

Prepare-se para a maior aventura de sua vida, pois, assim como a minha, a sua irá mudar para sempre.

Barbara Bell

— Com licença senhor secretário-geral, preciso te mostrar uma coisa — exclamou o capitão Leonard, com seu cabelo grudando na testa pelo suor frio que escorria. As olheiras embaixo dos olhos deixavam claro que não havia dormido na noite anterior. — Encontramos ondas eletromagnéticas vindo do ponto mais profundo do oceano. Não víamos problema, uma vez que é comum no céu, no solo e também no fundo do mar estes tipos de oscilações, mas essa em especial está me deixando apreensivo. São ondas de frequência dez vezes superior aos raios gama, conhecida até hoje como a radiação com maior potência energética.

— Mande uma equipe para lá agora mesmo para identificar a causa, capitão. Vou acionar o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Se isso se confirmar, poderá ser o fim da raça humana e a destruição da Terra!

Organização das Nações Unidas (ONU)

Nova Iorque - EUA

A maré não está para peixe

Frank acordou muito cedo para ver o nascer do Sol e apreciar a calmaria do mar pela manhã. Pôde perceber que os pescadores locais já estavam à procura de seu ganha pão, atravessando o mar celeste com seu barco a remo.

Partiam de um ponto onde um deles ficava na areia, segurando um dos cabos da rede, enquanto outros dois dentro do barco, entravam a cem metros de distância mar adentro, até chegarem em uma área conhecida por eles como “benção de Deus”, um local repleto de peixes e outros animais marinhos. Começavam a descrever um arco com o barco lançando e imergindo pouco a pouco a rede na água, até chegar a outro ponto na areia, terminando por sua vez a uma distância de cinquenta metros do local de partida.

Estavam em sete pescadores ou amigos de pescaria, sendo dois no barco enquanto os outros cinco esperavam seus compatriotas voltarem para a areia a fim de puxarem a rede ao mesmo tempo, quatro de um lado e três de outro. Por fim, Frank, franzino de estatura média e corpo magro como o dos pescadores se colocou à disposição para igualar o time nessa empreitada. Havia acabado de se formar no ensino médio e assim esperou iniciar as suas “férias escolares”, com novas experiências e muitas aventuras, mas ainda pouco sabia o que os mares estavam lhe reservando.

Um puxão de cá, uma mão cortada de outro e, por fim, a gigantesca rede foi retirada do mar, com centenas de peixes pulando de um lado para o outro para tentar voltar para o mar e se salvarem da ira dos homens, ou então escapar das famintas gaivotas que cercavam a arapuca criada pelos filhos de Deus.

Frank percorreu a rede de uma ponta a outra para conhecer os mais diversos tipos de peixes, questionando a cada pescador o nome da espécie e como se consumia, ouvindo cada história fascinante do

povo local, entre piadas e gargalhadas. Até que seus olhos caramelo-claros encontraram algo entre os peixes que lhe chamou a atenção. Parecia ser uma pedra, porém diferente de tudo que havia visto.

O pescador chefe do grupo lhe disse que já era a segunda vez que haviam retirado do mar esse objeto, mas que para nada lhes servia. Quando a pedra tocou a água assim que o pescador a arremessou novamente ao mar, Frank escutou como se uma voz o chamasse dentro de sua cabeça, sentiu a pulsação do coração e sua respiração acelerarem em compassos diferentes, perdendo de uma vez a visão, entrando involuntariamente em um tipo de transe por alguns segundos. Afastou-se do grupo de pescadores que continuavam a pegar seus peixes enroscados na rede sem perceberem que o garoto se pusera a caminhar em passos lentos em direção ao mar até a água chegar à sua cintura.

Viu algo que não sabia identificar, brilhos resplandecentes, sentimento de angústia e euforia e um cheiro que lhe parecia familiar, sim, fazia muito tempo, mas jamais se esqueceria desse aroma. Era o mesmo perfume que seu pai usava no dia em que o viu pela última vez, antes de desaparecer para sempre, há cinco anos. E então se viu novamente à superfície. Nadou alguns metros sem sentir o cansaço natural das braçadas dadas no mar, até chegar na parte bem rasa onde seus joelhos já tocavam as areias finas e abrasivas. Por sorte a pedra parecia estar à sua espera ao lado de algumas conchas. Na época, Frank imaginava ter sido realmente sorte, mas ele não sabia que seu destino havia sido selado naquele momento e nem o que estava à sua espera.

Correu para casa, pegou algumas coisas como lupa, régua, lanterna, alguns cadernos e resolveu analisá-la. A tal rocha misteriosa era extremamente lisa e leve, sendo um pouco mais pesada que um isopor, com formato rústico, arredondado na parte inferior e com um achatamento estranho no topo, de cor clara e com detalhes contornando a pedra em azul celeste vibrante, terminando exatamente na parte achatada.

Ao virá-la, ele viu algumas pintas escuras, porém perfeitamente

espaçadas, medindo aproximadamente dois milímetros entre cada pinta, como se alguém as tivesse feito com algum equipamento especial. Iluminou melhor com a lanterna e usou uma lupa para enxergar do que se tratavam essas marcas, porém, ainda assim, não conseguia entender, pois pareciam micro-inscrições talhadas na pedra e que não podiam ser decifradas com apenas uma lupa qualquer.

Frank percebeu que se tratava de algo muito maior do que apenas um mísero pedaço de rocha, portanto, desmontou um binóculo antigo e adaptou-o para criar algo parecido com uma luneta. Enfim enxergou, mas ainda não podia entender o que havia na pedra. De fato, era algo escrito por alguém, pois aumentando o campo de visão consideravelmente, pôde constatar letras muito pequenas que não conseguia identificar.

De onde seria essa relíquia, ou melhor, quem a havia jogado ao mar? Quem tinha esculpido e entalhado as inscrições tão minúsculas em uma pedra? Aliás, aquilo seria uma simples pedra? Tantas perguntas e dúvidas enchiam sua cabeça que, naquele momento, não pensava em outra coisa a não ser descobrir que língua era aquela e o que tinha para ser revelado naquele misterioso objeto encontrado que o havia perseguido na praia.

— # # # —

A cortina entreaberta do quarto de Barbara acabou com seus planos de ficar até tarde em sua cama. Logo no primeiro dia de suas tão merecidas e esperadas férias. Mas isso não iria irritar a moça, que já havia escolhido dias antes uma lista de filmes e séries para maratona em sua nova TV, recebida de presente antecipado de seus pais pela formatura escolar.

Eram 9h00 da manhã quando resolveu tirar seu pijama, escovar os dentes e ir à cozinha tomar o café da manhã que Rose, sua mãe, já havia deixado preparado antes de ir trabalhar. Fazia tempo que Barbara não comia o delicioso bolo de frutas tradicional da família Bell,

receita essa que vinha de muitas gerações, passadas de mães para filhos e, nesse caso, nora.

Rose Bell era chefe de cozinha de um grande restaurante da região e muito do que aprendeu foi resultado de vários jantares na casa de seu então noivo, Pedro Bell. A avó de Barbara era descendente de imigrantes italianos e tendo que aprender a cozinhar desde muito pequena, aperfeiçoou esse dom durante sua jornada. Ensinou todos seus truques para Rose, que não teve o mesmo sucesso com sua filha Barbara.

O pai da garota, Pedro, trabalhava com contabilidade em uma grande empresa do ramo de importações, e mesmo com a facilidade com números herdada de seu pai, não fez despertar em Barbara o amor pela matemática, física ou engenharia, como era esperado pela sua família. Ela tinha mesmo era uma queda por jornalismo investigativo, seu sonho desde criança, e dizia que um dia iria receber o prêmio Pulitzer (uma espécie de Oscar do Jornalismo, o maior reconhecimento de um jornalista).

Sempre lia livros e histórias de detetives, mistérios, enigmas e aventuras. Ainda não sabia ao certo qual faculdade iria seguir após a formatura, mas imaginava algo próximo a isso. E com todas essas habilidades em se envolver em aventuras e mistérios, não via a hora de começar sua maratona.

Quando estava finalizando o suco de laranja, seu celular vibrou anunciando uma mensagem de Frank, seu melhor amigo desde que se conheceram na escola aos seis anos. Dizia ele que precisava de uma ajuda, estava chegando em sua casa e esperava que a amiga já estivesse acordada. Sem antes conseguir responder à mensagem, a campainha tocou, assustando Barbara, que deixou cair os talheres no chão, fazendo a maior bagunça na cozinha. Enquanto tentava recolher as migalhas do bolo do chão, ouvia desesperadamente o barulho da campainha sendo tocada por seu amigo Frank, que não soltava o dedo do interruptor por nada, fazendo o maior estardalhaço ecoando aquele inconveniente barulho por toda a casa. Se não estivesse acordada por conta da luz em seu quarto, teria agora com o desespero do amigo.

— Barbara, preciso de sua ajuda urgente! — entrou Frank, correndo sem nem ao menos lhe dar um oi.

— Oi, Franklinzinho — disse Barbara, irritando o amigo ao mexer em seus cabelos pretos que viviam bagunçados. — Em que eu posso ser útil dessa vez?

— Preciso que você me ajude a decifrar algumas coisas que estão grafadas nessa pedra que encontrei na praia essa manhã. Tentei com uma luneta improvisada, mas não consegui identificar essas palavras escritas.

Barbara possuía o maior acervo de livros de simbologias e dialetos estrangeiros que Frank conhecia. Mal sabia ela, mas seus planos de férias seriam cancelados logo após a visita do impaciente amigo.

Uma profunda ameaça

O general de maior patente do exército americano, George Nelson, abriu a porta e entrou na grande sala às pressas. Acabara de receber uma ligação do secretário-geral da Organização das Nações Unidas e precisava dos conselhos do tenente-general Erik Morgan, seu fiel amigo e maior estrategista de guerra que já conhecera.

— Tenente-general Morgan, temos uma missão extraordinária e precisamos juntar a maior força-tarefa que conseguirmos, prioridade máxima. Recebemos um relatório da ONU sobre explosões eletromagnéticas no Oceano Pacífico. Parece ser algo maior do que jamais vimos, salvo por um caso há cinco anos, que até hoje não foi entendido pelos cientistas.

— Com licença, senhores — articulou o capitão Leonard abrindo a porta. — Acabamos de receber o local exato da explosão. Foi em uma depressão chamada Fossa das Marianas, ao extremo Sul das Ilhas Marianas, o local mais profundo dos oceanos e próximo a nossa base militar em Guam.

— Obrigado, Capitão — agradeceu o general, dispensando o militar.

“Local mais profundo dos oceanos. A missão acabou ficando mais difícil do que imaginava”, pensou o general.

— Tenente-general Morgan, para ganharmos tempo, ordene ao responsável pela nossa base naval em Guam, o contra-almirante Thomas Wolf, para que inicie uma força-tarefa com a sétima frota dos Estados Unidos, o departamento da Marinha Americana em Guam e uma unidade expedicionária de Fuzileiros Navais vindo de Okinawa, no Japão, pois precisaremos estar atentos com forças inimigas na região que estejam tentando atacar nossa base militar — ordenou o general. — Enquanto isso, nos reuniremos com a cúpula do Conselho de Segurança das Nações Unidas para traçarmos estratégias a favor da manutenção

da paz e da segurança internacional. Por se tratar do local mais profundo dos oceanos, nossos submarinos não devem conseguir chegar nem na metade dessa depressão. Precisaremos avaliar com agilidade táticas militares e científicas para atingirmos esse local, que pelo que sei são próximos de 11.000m abaixo do nível do mar.

O Conselho era composto por quinze países, sendo cinco membros permanentes com poder de veto: Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e China. Os demais dez membros eram eleitos pela Assembleia Geral para mandatos de dois anos. Uma resolução do Conselho de Segurança era aprovada se tivesse maioria de nove dos quinze membros, porém, se tiver um voto negativo de um dos cinco membros permanentes, a resolução não era adotada.

— Precisaremos convencer pelo menos os cinco membros do conselho para que aprovem a expedição para atuarmos na região — explicou o general George Nelson.

— Entendido, general — assentiu o oficial Morgan. — Liguei agora mesmo para o contra-almirante Wolf para repassar suas ordens. Licença para me retirar, senhor — solicitou o oficial, batendo continência ao seu superior.

— Concedido, meu amigo — se despediu George Nelson, liberando o militar e dando um abraço em seu companheiro de muitas histórias.

— Que Deus nos ajude! — pensou o general em voz alta assim que Morgan fechou a porta da sala em que estavam.

Essa era uma missão que fugia de sua competência e George não sabia o que fazer. Havia enfrentado muitas adversidades em sua vida militar, mas nada comparado a isso. Temia pela vida humana e também pela saúde do planeta que tanto amava. Ultimamente sua vida estava muito boa, tinha acabado de nascer seu primeiro neto, fruto do casamento de seu filho mais velho, o major Daniel Nelson. Ainda era um avô novato, que estava aos poucos iniciando nesse novo mundo para ele.

Quando seu filho era recém-nascido, foi obrigado a comandar uma expedição de paz e nunca esteve presente nas principais conquistas da criança. Após essa missão, sua carreira militar deslanchou, foi

ganhando insígnias e graduações diversas até chegar à patente de maior importância militar do mundo, general do exército americano. Não teve tempo também de presenciar as proezas e realizações de seu segundo filho, por mais que quisesse. Talvez essa tenha sido a maior decepção da vida do oficial, que ganhou todas as honrarias que alguém pode receber, mas havia deixado de desfrutar o mais importante, acompanhar o crescimento de seus amados filhos.

Perdeu os primeiros passos dos pequenos. Nunca soube quais haviam sido suas primeiras palavras, nunca esteve presente em uma apresentação escolar, por sempre estar envolvido em missões, a primeira queda da bicicleta, então, do pequeno Daniel, que só ficou sabendo dois meses depois.

Conheceu somente a terceira namorada do filho, com quem se casou, e em falar em casamento, quase que perdeu a cerimônia por chegar em cima da hora, felizmente com tempo de levar sua nora para o altar. Por fim, após perceber que a velhice estava chegando, começou a dar mais importância para sua família, ainda mais com a chegada do pequeno neto. A família dos Nelson havia novamente ficado colorida e não parava de pensar neles, na oportunidade que a vida estava lhe proporcionando mais uma vez, só que dessa vez em ser avô de uma jovem e agitada criança e recuperar o tempo que havia perdido.

O general das forças armadas, um dos principais membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, braço forte do presidente dos Estados Unidos da América estava decidido, assim que essa missão terminasse, pediria por sua merecida aposentadoria.

A revelação

Frank mostrou para Barbara o pedaço de rocha que ele havia pego no mar e lhe contou toda a história, de como ela chegou até ele, da voz que parecia ter escutado dentro de sua cabeça, das alucinações, entre outras coisas.

Barbara não quis dizer nada naquele momento, mas essa história estava mexendo demais com Frank, pois em doze anos nunca havia visto seu amigo tão eufórico. Estava afobado, irritado e até mesmo em alguns momentos mal educado, logo ele que sempre foi um amor de pessoa, gentil, cuidadoso e extremamente inteligente, mesmo depois de ter sofrido muito com as perdas nos últimos sete anos.

A mais recente há cerca de cinco anos foi seu pai Douglas que desapareceu em uma viagem a trabalho sem nunca mais voltar para casa. Pelo que sabia, Douglas Payne era um executivo de uma grande companhia farmacêutica e sempre tinha que viajar a negócios para muitos países no mundo. Sempre que voltava trazia lembranças para os dois amigos, desde doces e guloseimas até réplicas de artificios históricos que comprava em uma barraquinha ou lojas de souvenirs.

Certo dia, Douglas teve que viajar às pressas e foi se despedir, enquanto Frank se preparava para ir à escola. Disse que precisava resolver algo com urgência, mas que voltava para casa em duas semanas, porém nunca mais voltou. As buscas terminaram após três meses de intensa procura, sem nunca terem encontrado corpo nenhum, apenas a memória do pai engraçado e dedicado foi o que sobrou para Frank. Sua mãe, Elizabeth, estranhamente tivera o mesmo destino, desaparecendo do mapa dois anos antes.

Só receberam a informação de seu falecimento mais tarde quando encontraram o corpo de uma mulher que foi reconhecida por Douglas como sua esposa. Desde então, Frank vinha sido cuidado por seu avô Walter Payne. Um senhor muito dedicado, que ensinava as matérias

da escola que Frank tinha dificuldade, cozinhava, limpava a casa e sempre o levava a um caminho justo e correto. Era um dos maiores amigos do garoto, que com Barbara formavam o Esquadrão Fantástico.

Era esse o nome que apelidaram o grupo de estudos do Universo, enigmas e caças ao tesouro, e mesmo com seus 68 anos, Walter ainda dispunha de um físico de dar inveja a qualquer senhor de sua idade, de estatura média-alta, corpo magro e mãos grandes e fortes cultivadas ainda em sua juventude. Seus poucos cabelos brancos e sua pele já riscada pelos anos vividos eram o que denunciavam sua idade. Walter Payne nunca mencionava seu passado e quando perguntavam algo sobre o que fazia quando jovem ou onde e quem o ensinou as coisas que conhecia, sempre mudava de assunto, para algo que interessasse mais os adolescentes e estes acabavam esquecendo.

Assim que Barbara colocou seus lindos olhos azuis na pedra, pôde entender o motivo de sua excitação. Ela era estranhamente bela, com um aspecto bizarro, diferente de qualquer outra rocha, muito leve e com pintas pretas. Parecia que vinha de outro planeta, pois nunca havia visto algo parecido. Percebeu que as tais pintas estavam super alinhadas, que pareciam escrituras antigas, porém extremamente pequenas, imperceptíveis a olho nu.

Virou em direção a seu amigo e o viu parecendo uma criança com um brinquedo que acabara de ganhar, aguardando seus pais colocarem pilha para enfim poder brincar. Foi até sua estante de livros e pegou um exemplar bem grande e pesado, que parecia ser de uma idade bem avançada, por conta de seu desgaste visível. Era o dicionário de símbolos, utilizado por ela para decifrar muitos dos enigmas, os quais eles adoravam.

Folheou o livro até a letra P e então só parou até chegar no que procurava, a palavra “Pedra”. Começou a ler em voz alta:

— *Pedra (bétilo, diamante, esmeralda, jade, joia, pérola), tradicionalmente a pedra ocupa um lugar de distinção. As pedras não são massas inertes; pedras vivas caídas do céu continuam tendo vida mesmo depois da queda. Ela desempenha um papel importante nas relações*

entre o céu e a terra. Diversos povos do Pacífico, como a Austrália e regiões entre Indonésia e América do Norte, consideram algumas espécies como sendo fragmentos desprendidos do céu ou do trono celeste: ela é o instrumento da clarividência dos xamãs. As pedras caídas do céu são, além disso, muitas vezes, pedras falantes, instrumentos de um oráculo ou de uma mensagem.

— Muito desse texto reflete exatamente o que senti quando eu a vi pela primeira vez — disse Frank. — Parecia que a pedra queria me mostrar algo, como se fosse meu próprio oráculo, manifestando algo que irá acontecer ou uma revelação oculta. Mas o que será que ela quer me apresentar? Não estou conseguindo entender mais nada.

Barbara voltou a ler mais um trecho do livro:

— Existe entre a alma e a pedra uma relação estreita. Segundo a lenda de Prometeu, procriador do gênero humano, as pedras conservaram um odor humano.

— É isso! — gritou Frank. — Quando eu entrei em transe senti o cheiro do perfume de meu pai. Não acredito que essa pedra esteja querendo me dizer onde está o paradeiro dele. Não pode ser verdade.

Frank estava eufórico com a possibilidade de enfim descobrir onde seu pai poderia estar escondido. No íntimo, ele nunca acreditou que havia morrido. Nunca conseguiu se despedir de verdade, pois sabia, lá no fundo, que reencontraria com ele novamente. Mas onde? Como iriam descobrir uma pista que o levasse a ele? Foi então que se lembrou das minúsculas inscrições e se voltou para Barbara.

— Báh, você conseguiu identificar o que está escrito nessa pedra? São tão minúsculas que minha lupa não conseguiu aumentar a ponto de identificá-las.

Frank estava dando sua lupa para que Barbara pudesse analisar as escrituras, mas esta abriu a gaveta de sua escrivaninha e retirou um óculos profissional, com lâmpadas led nas extremidades e lentes com seis ampliações diferentes, até dez vezes maior que a de seu amigo.

— Aí eu vi vantagem! — brincou Frank.

— Estou enxergando algumas letras desconexas formando frases

que não consigo entender — afirmou Barbara. — Parecem inscrições de uma língua desconhecida ou de algum lugar remoto:

“Mungnga pumåra manhongge!

Mahålang yu' nu todú.

Hu guaiya hamyo na dos!”

— Eu já vi algo escrito dessa forma em algum lugar, mas não estou lembrando onde... — disse Frank.

— Acho que devemos falar com o seu avô, quem sabe ele possa nos ajudar a desvendar esse mistério. Ele adora esse tipo de coisa e seu conhecimento em relação a línguas estranhas é algo extraordinário.

— Boa, pegue seu livro e seu óculos engraçado. Espero que o vovô esteja em casa.

A pedra do devaneio

Os dois amigos pegaram suas coisas e foram ao encontro do avô Walter. Logo chegaram na casa ao fim da rua que era o lar dos Payne há cinco anos. Sua esposa havia falecido já há longos doze anos e estar com seu neto o fazia se sentir melhor, ainda mais quando se encontravam com a Jovem Bell à procura de desvendar mistérios do mundo. Os amigos estavam entrando à porta da casa, imaginando que Walter deveria estar na garagem arrumando algo, como sempre.

Frank entrou no cômodo gritando por seu avô e este, assustado, deixou cair uma caixa de parafusos de pequeno calibre, que havia retirado do antigo aparelho de som, um rádio vitrola com gravador de rolo da marca Phillips, que ganhou de seus pais na década de 1960 e que guardava com muito carinho. Walter, bravo, pediu que eles ajudassem a recuperar os parafusos que haviam caído e que só depois eles conversariam sobre a história que queriam lhe contar.

Muito a contragosto, Frank abaixou para procurar os mais de vinte parafusos minúsculos, demorando quase meia hora para finalizarem a tarefa, pois estes se espalharam por toda a garagem. Só então seu avô perguntou o que eles queriam para chegar assim tão eufóricos pela porta da garagem.

Frank abriu o saquinho de veludo que havia pego na casa de Barbara para acomodar o artefato com segurança e revelou ao seu avô seu conteúdo misterioso.

— O que tem demais essa pedra? — perguntou Walter.

— Então, vovô, eu a encontrei hoje pela manhã na praia, após ajudar alguns pescadores a pegar seus peixes. Veio junto com a rede.

— Então devolva-a ao mar — bravejou Walter. — Você não aprendeu que não se deve retirar as coisas do mar? A não ser que seja para seu próprio sustento?

— Mas, vô, eu achei algo muito sinistro nessa pedra — disse

Frank, sem mencionar o que havia acontecido a ele quando se encontrou pela primeira vez com o objeto. — Tem algo escrito nela, com um dialeto que a Barbara e eu não conhecemos. O senhor precisa nos ajudar.

Walter pegou os óculos de Barbara para verificar o que deixara seu neto agitado. Deveria ser mais uma fonte de mistérios que resolveriam juntos mais tarde, porém algo o deixou branco como a neve fazendo com que engasgasse com sua própria saliva.

— Menino, como disse antes, jogue isso de volta ao mar. E não procure saber mais nada a respeito dessa pedra.

— Mas, vô, você sabe o que está escrito nela? Nos conte, por favor! Preciso saber o porquê esta pedra me escolheu.

— Como assim, essa pedra te escolheu? — perguntou Walter.

“Eu não lhe contei, mas quando a vi pela primeira vez, tive um sentimento estranho e confuso, como se entrasse em um tipo de transe, notei um forte perfume e vi algumas sombras que não pude reconhecer. Não senti medo, apenas uma angústia e ao mesmo tempo uma energia excessiva, uma exaltação que não sei explicar.

“Por favor, vovô, me conte o que o senhor sabe sobre essa pedra, o que está escrito e qual a razão desse seu medo repentino. É algo sobre mim? Sobre meu pai? O cheiro que eu senti, tenho certeza que era do perfume que ele usava quando o vi pela última vez, é inconfundível! Guardei esse odor em minha memória por muitos anos.

“A camisa que ele tinha usado um dia antes de sumir, eu nunca lavei. Deixei guardada e sempre que começava a me esquecer dele, ou quando estava com muitas saudades, pegava para sentir seu cheiro. Isso me confortava, me acalmava. Só que com o tempo o aroma foi ficando mais fraco, até um dia em que eu não pude mais senti-lo. E agora tudo está voltando e, se for verdade? E se ele estiver vivo me mandando uma mensagem? Preciso saber, por favor!

Walter, meio sem saber o que fazer, e pensando que devia isso a seu neto, disse que iria contar o que havia escrito na pedra, apenas a tradução do que se lembrava.

— Crianças, sentem aqui ao meu lado — disse o avô, puxando

duas cadeiras extras para os dois. — Este é o idioma Chamorro, falado por mais de cinquenta mil pessoas na região das Ilhas Marianas.

Barbara, curiosa que só, já puxou o celular de seu bolso e procurou na internet sobre as ilhas e a língua chamorro, pronunciadas por Walter.

— Este é um idioma que eu aprendi quando pequeno. Há muitos anos eu deixei de ter contato com essa língua, mas acho que consigo traduzir. Pelo que entendi, o que pode estar escrito nessa pedra é algo como:

“Mungnga pumâra manhongge!

Mahâlang yu' nu todû.

Hu guaiya hamyo na dos!”

“Nunca deixa de acreditar!

Sinto a sua falta.

Amo você!”

— Não está assinado, tampouco direcionado a alguém. A região é conhecida por ser um local romântico, onde foi inspirada a magnífica e famosa história de Shakespeare: Romeu e Julieta. Por isso, não daria muita importância no que está grafado nesse pedaço de rocha — disse Walter, tentando tirar falsas esperanças do coração de seu neto. Mas este não sabia que o coração de Frank já estava tomado de fé, de que encontraria seu pai nas Ilhas Marianas.

“Só pode estar por lá!” — pensava Frank, sem saber o motivo de estar tão longe assim.

Frank pegou a pedra novamente em sua mão para analisá-la melhor quando teve um outro surto psicótico, voltando dessa vez uma semana antes do sumiço de seu pai. Lembrava de uma conversa ao telefone de Douglas com uma pessoa misteriosa, de quem seu pai nunca falava a respeito. Dessa vez, percebeu que ele estava nervoso com o que o sujeito lhe falava ao telefone. Começou a aumentar o tom de sua voz, algumas tossidas e engasgos e então uma palavra que pôde

ouvir em alto e bom tom: Mariana.

Voltou a realidade com uma respiração ofegante, gritando com toda a força de seu jovem pulmão:

— Mariana!

— Ai... — gritou Barbara, jogando seus cabelos castanhos cacheados para todos os lados após o susto que Frank lhe deu. — O que aconteceu?

— Desculpe — respondeu Frank. — Agora tenho certeza. Meu pai foi para as Ilhas Marianas. Preciso encontrá-lo. Ele deve estar em perigo pra não ter dado mais notícias durante esses últimos cinco anos.

— Não, não, não! — gritou Walter. — Ninguém vai a lugar algum. Você não ouviu o que eu acabei de falar? Não mexa com isso. Esquece o que você achou ter visto. Nossa mente cria algumas ilusões e, às vezes, até vozes para nos enganar. A neurociência explica que o cérebro faz isso para economizar energia em nosso dia a dia, assim como quando estamos dormindo e sonhamos. Cerca de 80% das pessoas têm tendência ao otimismo, algumas mais do que outras. O otimismo é sempre mais comum do que o pessimismo, ainda mais em pessoas jovens. Assim, nunca acreditamos que algo vá dar errado, mesmo quando o mais racional seria pensar que sim, e você, meu neto, está entre a grande maioria. Não consegue enxergar o perigo em que está se metendo.

— Mas, vô, eu ouvi meu pai dizer ao telefone o nome Mariana, uma semana antes de partir.

— Existem milhares de “Marianas” espalhadas por aí. Por que seu pai falaria sobre a ilha, se ele nem a conhecia? — bradou seu avô.

— Ele não a conhecia? — perguntou Frank com cara de tristeza.

— Douglas nunca me falou nada sobre as ilhas do pacífico. E também nunca lhe contei sobre meu passado — soltou Walter, antes de se arrepender do que acabara de dizer.

— Seu passado? — gritaram os dois amigos ao mesmo tempo.

— O senhor já esteve nas ilhas antes? — perguntou Frank ainda mais curioso que o normal. O passado de seu avô era o maior mistério que os dois integrantes do Esquadrão Fantástico não conseguiram

resolver, até aquele momento.

Walter balançou a cabeça em um gesto de afirmação, mesmo que no fundo quisesse ter dito que não.

— Há muitos anos que eu não piso naquele lugar. O local é muito lindo, exuberante e, como disse, propício ao amor. Mas também esconde muitos segredos perturbadores, lendas e mistérios sobrenaturais. Já presenciei muitas coisas sinistras e assustadoras e não quero isso para vocês. Peço que me ouçam e prometam não voltar a questionar sobre meu passado, muito menos sobre ir a esta região. Me atormenta pensar em reviver coisas que há tempos enterrei.

— O senhor não pode fazer isso comigo, não sei como, mas tenho certeza que meu pai está lá e preciso ajudá-lo. Essa pedra foi uma mensagem dele. Precisamos ir, por favor — suplicou Frank.

— Chega! Já disse que não e ponto final. Enquanto estiver sob minha guarda e minha responsabilidade, o senhor não vai a lugar algum. Não lhe darei dinheiro para comprar a passagem para aquela ilha — disse Walter com dor no coração, mas pensando na segurança do neto que tanto amava. Sabia que era uma questão de tempo até Frank conseguir o dinheiro que precisava para viajar, mas, até lá, tentaria mudar o pensamento do garoto.

Frank colocou a pedra no saquinho de veludo, balbuciou algumas palavras grosseiras que só ele entendeu, baixou a cabeça e saiu da garagem batendo a porta com força. Barbara olhou para Walter e reparou que o idoso estava com lágrimas em seus olhos. Achou melhor ver seu amigo e deixá-lo menos constrangido ficando sozinho.

— Vou ver como ele está — falou Barbara

— Me desculpe — disse seu amigo de idade mais avançada. — Só fiz o que achei correto para protegê-los de todo sofrimento que esse lugar me causou.

Barbara acenou com a cabeça e saiu à procura do amigo. Estaria onde sempre se escondia quando ficava triste, em cima da Pedra do Devaneio, nome dado por eles para a rocha que ficava na ponta da praia, onde iriam sempre para pensar, refletir e imaginar coisas engraçadas. Muitas das respostas dos enigmas e mistérios que o trio

solucionava vieram após algumas horas de contemplação sentados nessa pedra e olhando o eterno beijo entre o céu e o mar.

— Frank, está tudo bem? — perguntou Barbara ao chegar ao local.

— Ele não pode falar assim comigo, Báh. Sequer ouviu o que tinha a dizer. Do que será que ele tem tanto medo?

— Ele deve ter seus motivos, Frank. E pelo jeito não devem ser poucos — ponderou Barbara.

— Tenho certeza que meu pai está me chamando. Não sei como, mas essa pedra veio até meu encontro e não foi por mera coincidência. Nunca acreditei em magia, logo eu que sempre quis ser um grande cientista, mas um mar tão extenso, além de uma enorme distância das ilhas até aqui e justamente esse artefato aparece do nada, não encontro outro motivo. Precisamos investigar. Meu avô disse que não me dará o dinheiro para comprar a passagem, mas, na verdade, não preciso da ajuda dele. Tenho minhas economias que fui juntando todos esses anos com presentes de aniversários e outras coisas que me desfiz. Não é muito, mas acho que, se conseguir algum emprego temporário, eu consigo juntar o restante do dinheiro já no próximo mês. E, então, minha garota, vou passar a limpo essa história, custe o que custar.

“Minha garota”, pensou Barbara. Era a primeira vez que Frank a chamava assim. Sempre teve uma queda por ele, mas nunca lhe disse nada. Desde que o conhecia, era seu amigo e esse sentimento foi sendo cultivado aos poucos. Não lembrava quando, mas um dia se encontrou com Frank na praia e teve uma vontade enorme de segurar sua mão e andarem como namorados, aguardando o pôr do Sol. Não sabia das intenções de seu amigo e, portanto, achou melhor não abrir seu coração para não estragar a amizade entre eles.

— Você embarcaria comigo nessa aventura? — questionou o amigo.

— Não sei, Frank. Ainda estou procurando qual curso fazer na faculdade e não sei se meus pais permitiriam viajar sozinha com você para outro país, ainda mais um lugar tão distante e remoto.

— Tudo bem, não tem problema.

Ambos ficaram em silêncio por um tempo que lhes parecia uma eternidade.

— Barbara, queria ficar um pouco sozinho, por favor.

— Tudo bem. Vou voltar para casa. Mas não faça nenhuma loucura, ok? — disse preocupada.

— Pode ficar tranquila. Preciso de um tempo para colocar as ideias em ordem. Meu avô pode estar certo, perdi um pouco a razão com tudo o que me aconteceu. Você pode achar que é loucura, como eu achava também, mas parecia algum tipo de bruxaria que pareceu tomar conta de mim.

— Hahaha — riu Barbara do amigo. — Não estou te reconhecendo mais, Franklin Payne, futuro vencedor do prêmio Nobel de ciências — brincou ela. Mas seu comparsa não esboçou reação. — Ok, Frank, vou indo. Saiba que sempre estarei ao seu lado para o que precisar. Fique bem!

Barbara desceu da pedra do Devaneio com cuidado para não levar um tombo. As sardas em seu claro rosto já começavam a esquentar por conta do Sol, o mar estava agitado e a água já batia em seu joelho com força. Seria aquele mais um dia tomado por surfistas na praia que tanto amava.

Frank ficou mais uma hora após a saída de Barbara quando decidiu voltar para casa. O Sol já estava a pino e seu estômago roncando. Apoiou-se para se levantar quando, sem querer, deixou cair de seu colo o saquinho com a pedra e ela se abriu, revelando um brilho jamais visto por ele que ofuscou sua visão, deixando-o sem enxergar por alguns segundos. Ainda com os olhos fechados, ouviu um ruído. Sabia que esse barulho não vinha do mar e sim da misteriosa pedra.

Ela queria se comunicar novamente com ele. Aos poucos, foi retomando sua visão, mas já não estava sobre a sua estimada Pedra do Devaneio. Não, encontrava-se agora em uma espécie de caverna gigantesca, pouco iluminada. Por toda direção que olhava só enxergava estalactites, sem enxergar parede alguma. O que seria isso? Estava ficando louco? Perguntava-se quando então ouviu novamente uma aflita voz o chamando:

— Frank Payne, acredite. Eu preciso de você!

Frank deu um grito e se viu novamente em cima da Pedra do Devaneio, olhou para os lados e não encontrou ninguém a não ser as ondas batendo forte contra as pedras próximas e espirrando gotas de água em seu rosto. O artefato já não tinha o mesmo brilho que outrora e resolveu colocá-lo em seu porta-pedras novamente.

— Isso não foi uma ilusão. Eu vi. Essa pedra quer me mostrar algo e eu posso sentir dentro de mim. Preciso ir — disse Frank para si mesmo, levantando da Pedra do Devaneio e saltando na água como um louco. — Vou pedir para trabalhar como garçom durante esse mês no restaurante do amigo do meu pai. Certeza que me ajudará a juntar o dinheiro que preciso, daí não haverá alma no mundo que me segure aqui. Enquanto isso, vou pesquisar mais a respeito do local e tentar entender de uma vez por todas o que meu avô tem escondido por todos esses anos. Douglas Payne, me aguarde que estou chegando!

Estratégia militar

Gritos ecoavam dentre os pátios da Base Naval no porto de Apra em Guam. O contra-almirante Thomas Wolf acabara de se reunir por vídeo conferência com o tenente-general das forças armadas americanas, senhor Erik Morgan. Por ordens expressas do general do exército George Nelson, o oficial deveria fortalecer uma aliança de urgência entre o departamento da Marinha em Guam e a 31ª Unidade Expedicionária Marítima e Fuzileiros Navais vindo de Okinawa, no Japão.

Quem olhava para Thomas não identificava em seu superior se estava apreensivo com as informações que lhe eram passadas recentemente ou se estava eufórico por finalmente voltar às ações de guerra. Foi para isso que ele havia se alistado quando bem jovem, ainda na Califórnia, EUA.

Passou por muitas privações para alcançar a patente que havia chegado, mas não se arrependeu de nada, pois esteve presente à frente de muitas batalhas em diversas ocasiões, e essa adrenalina era que lhe fazia se sentir vivo. O até então major Wolf fora transferido para Guam há quatorze anos, com a promessa de se tornar almirante da marinha em pouco tempo, elevando sua patente hierárquica muito rapidamente.

O oficial levou sua esposa e seu jovem filho de seis anos, sendo este alfabetizado nas duas línguas, inglês e chamorro, idiomas oficiais falados na ilha. Desde que chegou às Ilhas Marianas, iniciou a missão de paz estabelecida pela ONU, utilizando navios e até mesmo o lendário submarino USS Frank Cable para resgates de naufragos, acidentes aéreos e catástrofes naturais próximas a Guam, como tufões, tsunamis, etc.

Thomas já não sentia mais seu sangue ferver há uns bons pares de anos. Teve alguns pequenos contratemplos, como aquele acidente com um ladrão que rondava as ilhas da região roubando artigos e

pedras raras das lendárias cavernas de Guam, Rota e Saipan. Isso aconteceu há aproximadamente cinco anos, quando já havia sido promovido a contra-almirante de uma estrela.

Fora algo que nunca tirou de sua cabeça, pois, em uma perseguição, o bandido acabou se afogando nas águas das Marianas sem nunca terem encontrado nenhum rastro de seu corpo e dos artefatos roubados, pelo menos era o que havia reportado aos seus superiores. As buscas se estenderam por alguns meses, gerando um alto custo e, por sua vez, frustrando a promoção de patente de Thomas.

Desde então, tudo voltou ao marasmo de sempre, com as mesmas missões determinadas pela Organização das Nações Unidas, sem qualquer emoção dominando seu corpo. Sentia sua alma definhando aos poucos, com apenas cinquenta e sete anos de idade. Precisava sentir-se vivo novamente e não havia hora melhor para atender àquela ligação do oficial Morgan com as ordens do general Nelson.

O tenente-general Morgan havia sido muito claro e convincente na conferência, lembrou ele: “Contra-almirante Wolf, o excelentíssimo senhor general do exército lhe ordenou que não poupasse esforços para vasculhar a área e encontrar a causa da explosão, mesmo que tenha que descer com o submarino USS Obstinatus para mergulhar por aquelas bandas. O mundo necessita dessa proteção e seremos nós quem salvaremos mais uma vez a humanidade. Não deixaremos nenhum terrorista atacar. Se precisar, atacaremos antes”.

— Major Preston! — gritou o quase almirante ansioso para lhe dar ordens. — Reúna todo o comando na sala de treinamento agora. Tenho uma missão que envolverá a todos da base naval.

Thomas Wolf voltou para sua sala, exigiu que ligassem para a unidade dos fuzileiros navais em Okinawa, no Japão, para traçarem uma estratégia da força-tarefa para o cumprimento da missão. Passados trinta minutos desde a exigência da reunião com todo o comando e o término da ligação, o almirante chegou à sala de treinamento, onde todos estavam à sua espera.

— Senhores, o que eu tenho para lhes falar é algo muito importante, e não as baboseiras de ajuda humanitária que a ONU sempre

nos manda fazer nesses últimos anos. A missão que tenho a apresentar vai exigir dos mais bem treinados marinheiros da ilha, além daqueles que não temem a morte como eu. O general do exército americano, assim como todos os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas nos ordenaram descer às profundezas das águas geladas e escuras da Fossa das Marianas, pois foi registrado uma explosão de grande magnitude e precisaremos identificar sua causa. Submergiremos dentro do USS *Obstinatus* até a profundidade que conseguirmos alcançar. Mas estamos preparados, pois há indícios de que outras nações estejam rondando a região e que possivelmente isso foi um ato terrorista. Os fuzileiros navais também foram acionados e partiremos em uma expedição militar em três dias.

Ele fez uma pausa e olhou para os rostos dos outros militares que o cercavam.

— O capitão Ford, comandante do navio *Emory S. Land*, fica incumbido de selecionar seus homens de confiança para ancorar, junto à Força-Tarefa 75. A embarcação servirá de apoio para a missão, responsável pelo fornecimento de suprimentos, alimentação, água, eletricidade, assistências médicas e quaisquer peças de reposição ou equipamentos para os submarinos.

“O capitão Sanchez seguirá com o barco patrulha WPB-1337, vigiando as águas ao redor de Guam e a comunidade das Ilhas Marianas do Norte.

“O capitão Roberts comandará o barco patrulha WLB-215, que navegará junto do *Emory S. Land* para auxiliar na proteção e segurança da missão, realizando buscas e salvamento, além de apoio à proteção do meio ambiente marinho.

“Major Preston comandará o Esquadrão Submarino 15, responsável pelo comando, estratégia e monitoramento da missão diretamente da base naval de Guam.

“Capitão Pontes e sua equipe estarão a bordo do submarino USS *Obstinatus* juntamente dos fuzileiros navais que estão vindo à ilha, para fazer todo o patrulhamento abaixo do nível do mar até uma profundidade de 8.000 metros. Já eu irei a bordo do batiscafo *Aequor*,

qualquer outro tipo de embarcação não conseguiria vencer as pressões exercidas pelas águas profundas do mar.”.

Este era um mini submarino fabricado para submergir em grandes profundidades, desenvolvido pelo próprio contra-almirante e engenheiros há aproximadamente três anos, após o fatídico episódio do ladrão que afundou no mar e desapareceu sem deixar vestígios.

— Alguém tem alguma dúvida? — questionou o primeiro-almirante, sabendo que ninguém ousaria levantar a mão. — Sendo assim, vamos salvar o planeta!

Todos se levantaram, aplaudindo e ovacionando as palavras do empolgante líder e, aos poucos, esvaziando o auditório da base naval.

Assim que não sobrou mais ninguém na sala, Thomas caminhou em direção ao mapa onde havia feito um risco na região conhecida como Challenger Deep, na fossa das Marianas, e deu um sorriso ameaçador.

— Dessa vez eu te encontrarei, seu maldito! — disse para si mesmo. — Tenho certeza que isso tudo é culpa sua e daquele submarino idiota que te salvou. Dessa vez, você não sairá ileso, custe o que custar.

O embarque

O galo cantou cedo na manhã daquela quarta-feira. Assim que percebeu os primeiros raios de Sol, Frank pulou da cama com sua mochila já preparada, pegou uma maçã na fruteira da cozinha e partiu para sua tão aguardada viagem. Durante mais de um mês, o menino trabalhou dia após dia com apenas um propósito, juntar o restante da grana para comprar a passagem para Guam, no extremo Pacífico.

Sua ideia era chegar o mais rápido possível até a casa de Barbara para convencê-la a voarem atrás de seu objetivo. Ele tinha que entender por que as ilhas estavam lhe chamando e qual era o mistério por trás disso tudo, e sua amiga era peça fundamental para ajudar a desvenda-lo. O garoto insistiu tanto que acabou por convencer Barbara, mas não seus pais, que a proibiram de viajar com o rapaz para um lugar tão longe, recolhendo a mochila que a garota havia arrumado com suas coisas às pressas.

Frank, sem a perspicácia e a fidelidade de Barbara, se sentia incompleto e julgava de extrema importância que fossem juntos, porém, como o tempo estava muito apertado, não poderia esperar mais.

O rapaz saiu cabisbaixo da casa de Barbara e se virou a caminho de casa, avistando-a por inteira. Era uma casa de cor amarela clara com toques em branco, construída no ano de 1970, mesmo que muitas coisas já tenham sido consertadas por ele e o avô, ainda havia muitas manutenções a se fazer.

Uma pintura aqui, um apertão na rosca do sifão da cozinha, um ajuste na bomba da caixa acoplada do vaso sanitário que sempre se colocava a vazar, entre outras coisas, mas ainda assim o conforto que ela proporcionava e a sensação de segurança para os dois moradores eram mais do que suficiente para chamá-la de doce lar da família Payne. Sentiria falta dela, com certeza não acreditava que seriam dias fáceis, mas estava mais do que decidido a partir.

Chegou em casa e encontrou seu avô na cozinha, se hidratando com um copo de água bem gelada, algo importante nos dias quentes que estavam fazendo ultimamente. Walter viu quando Frank abriu a porta, já esperando pelo pior. Apressou-se a explicar novamente todos os motivos para não irem a essa fatal expedição e que era insano o que estava pretendendo, mas o garoto novamente não quis ouvir seu mestre.

Agradeceu pela preocupação, deu um beijo e um abraço bem forte em seu avô, já entendendo que este não o ajudaria com os pais de Barbara, se despediu e saiu de casa com sua mochila em direção ao ponto de ônibus que o levasse ao aeroporto. Estava certo de que não veria mais seu velho amigo tão cedo, e também sua confidente Báh, a quem tanto amava, mesmo sem nunca ter tido a coragem de lhe dizer. Enfim, era melhor que fosse assim. Não saberia o que iria encontrar pela frente e jamais os colocaria em perigo.

Chegou ao ponto de ônibus e sacou o celular de seu bolso para escrever algumas coisas para Barbara, quando avistou o grande carro dobrando a esquina vindo em sua direção. Voltou a colocar o celular em seu bolso, deu sinal para o ônibus e aguardou sua parada, entrando e sentando em uma das últimas poltronas que estavam vazias.

Segurou a misteriosa pedra em sua mão direita, olhou pela janela, se dando conta de quanto seu bairro era lindo. Respirou fundo, enchendo os pulmões com um ar que lhe parecia estar inebriado do mesmo perfume de antes. Sentia seus olhos trepidarem rapidamente em total descompasso, uma ânsia bateu forte tomando conta de seu corpo e sugando de uma vez toda sua energia até não suportar tamanha estranheza e desmaiar, batendo sua cabeça contra a janela do ônibus com força, apagando no mesmo instante.

— # # # —

Walter se viu só em sua antiga casa, sem sua esposa, seu filho Douglas, Elizabeth e, dessa vez, sem seu amado neto. Era um homem

forte, mas não suportou o que a vida estava armando para ele e iniciou um choro reprimido e angustiante que durou alguns bons minutos. Respirou fundo, olhou para o teto de sua casa e pediu que os espíritos daquela ilha protegessem seu pequeno garoto. No mesmo instante, uma lufada de ar abriu os vidros da janela que se quebraram ao bater com tudo contra a parede.

O vento estranhamente forte invadiu a sala, atingindo em cheio uma prateleira onde guardava diversos livros, derrubando um em especial, abrindo-o no meio. Antigo com uma capa dura já desgastada por conta do tempo, escrito em uma língua que até pouco tempo atrás fazia questão de esquecer, revelou dentro dele uma chave escondida e uma foto retirada há muitos anos de George Payne, seu pai e bisavô de Frank, vestindo um uniforme militar com uma faixa branca e uma cruz vermelha no braço esquerdo. Ao lado dele, havia dois soldados segurando uma arma de alto calibre, e o próprio Sr. Walter ainda bebê no colo de seu pai. A foto foi retirada por uma antiga máquina fotográfica Leica, com lentes Summitar de 2/5cm, em Saipan nas Ilhas Marianas, no dia 30 de junho de 1944.

Subitamente, vieram em sua mente os perigos que vivera no passado, a morte de seus pais e mais algumas coisas que tentara há muitos anos esquecer. Começou a pensar novamente em Frank, a pessoa que mais amava nessa vida. Ele poderia estar se colocando em risco, sozinho, indo para a morte certa.

Teria que protegê-lo, mesmo que colocasse sua vida e sua sanidade novamente em risco. No mesmo segundo, pegou a tal chave que parecia ter sido feita há muitos e muitos anos, já oxidada pelo tempo e más condições de armazenamento, correu para seu guarda roupa, puxou algumas camisas, revelando um pequeno buraco e introduziu o pedaço de metal o encaixando perfeitamente.

Ninguém perceberia que se tratava de uma fechadura escondida. Girou o objeto para a esquerda, produzindo alguns cliques, como se estivesse destrancando um cofre, revelando uma pequena porta secreta que continha uma espécie de baú de metal em seu interior. A câmara parecia não ser aberta há muitos anos, por conta do fedor de

mofo que se apoderou do quarto.

O baú não havia trancas nem cadeado, porém não era fácil abri-lo devido ao peso de sua tampa. Dentro dele, havia uma sacola preta bem pesada com algumas ferramentas para acampamento e alpinismo, como corda, mosquetões, entre outras coisas. Havia também um facão com alça para amarrar na cintura, além de uma pequena caixinha de madeira que guardava em seu interior um colar com um pingente de uma pedra azulada, onde podia se ver um triângulo invertido, uma das únicas lembranças que tivera de seu passado.

Walter nunca soube quem lhe dera e para que servia, mas sentiu que deveria pegá-lo também. Colocou tudo dentro de sua mochila, junto de algumas roupas, tênis, lanterna e pilhas, passaporte, alguns pacotes de biscoito para comer no caminho, além de seu antigo cantil que enchera de água. Colocou um saco plástico para tampar sua janela quebrada e saiu de casa como um tigre.

————— # # # —————

Barbara foi para seu quarto e chorou por alguns instantes. Não podia abandonar Frank, logo agora quando mais ele precisava estar com sua melhor amiga. Atirou -se em sua cama e relembrou da cena quando ele chegou, todo empolgado, perguntando se ela havia pensado melhor na viagem e já estava pronta para partir com ele.

Lembrou a cara de decepção do amigo quando lhe disse que não iria e sentiu um sabor amargo descendo em sua garganta, sabor de remorso, por ter quebrado o voto de confiança entre eles. Havia dito ao garoto que seus pais não tinham deixado viajar com o rapaz, sim, esse era um bom motivo, mas tampouco Barbara se esforçou para que mudassem de ideia. No fundo, ela imaginava que Frank pudesse desistir da viagem se ele se visse sozinho, sem sua amiga e sem seu avô, mas não foi o que aconteceu, e isso a deixava se sentindo cada vez mais culpada.

Olhou para a parede e viu o recorte do jornal da escola, em que

aparecia Frank e ela ganhando o prêmio de melhor projeto da feira de ciências daquele ano. Foi um dia incrível, como todos os outros em que estavam juntos. Havia feito uma espécie de equipamento de separação e extração de pedras preciosas e objetos raros que poderia ser utilizado por garimpeiros e arqueólogos.

Consistia em uma caixa energizada com um funil onde se colocava uma quantidade de terra a ser analisada e um motor que movimentava uma espécie de tela. A separação dos objetos se dava por conta da gravidade e dos movimentos de puxão realizado pelo motor, separando assim a terra de outros artigos.

Até então algo muito simples, porém o diferencial do projeto era que assim que a terra, raízes e outros pedaços de plantas fossem separadas, o que ficasse retido na peneira era conduzido por uma esteira até um reservatório para realizar uma lavagem, através de um bombeamento de água e, em seguida, encaminhado para outro recipiente que continha um digitalizador de alta resolução acoplado, o qual enviava as imagens em alta definição para um notebook, conectado através de um cabo de transmissão HDMI.

Por sua vez, as imagens eram comparadas com um banco de dados de artigos raros disponível no dispositivo. O que era identificado como lixo ou algo sem valor era excluído do sistema, já os objetos encontrados que eram reconhecidos com algum diferencial, seriam catalogados automaticamente e notificados para uma análise mais minuciosa. Isso gerou um dos melhores projetos que a escola já teve e os dois ficaram muito famosos pela conquista.

Barbara estava com um sorriso no rosto, lembrando do passado dos garotos, quando, de repente, deu um salto da cama, correu para a parede, arrancou o jornal de seu mural e aproximou a cabeça para enxergar melhor. Havia algo de estranho naquela imagem que nunca tinha reparado até aquele momento. Ao lado direito de Frank, próximo a porta de saída, estava seu pai Douglas, falando ao telefone como de costume, porém havia algo pendurado em seu bolso que a fez pegar seus óculos de aumento para enxergar melhor. Sim, era a pedra de Frank! Procurou a data do recorte do jornal e reparou que a foto havia

sido retirada há cinco anos, poucas semanas antes do desaparecimento de seu pai. Frank estava certo, Douglas corria perigo!

— # # # —

“Que escuridão é essa? Estou no fundo do mar ou em uma caverna? Onde estou? Como saio daqui? Ai, que fome... Meu estômago está roncando e não me lembro quando foi a última vez que eu comi... Hum, o que é isso? Costela de porco? Arroz vermelho? O cheiro está delicioso, mas não estou vendo ninguém... De quem será? Bom, vou comer só um pouquinho porque não aguento mais... Isso é água? Estou no mar? Papai, onde é que você está? Está me ouvindo? Não, para!”.

— Olá, está tudo bem? — perguntou uma senhora que aparentava uns quarenta anos de idade cutucando o garoto para que acordasse. — Achei que estivesse com febre, pois estava delirando e dizendo coisas sem sentido. Precisa de algo?

Frank levantou a cabeça e percebeu que o ônibus inteiro estava lhe observando.

— Desculpe, eu devo ter comido algo que não me fez bem. Muito obrigado pela preocupação.

— Sem problemas. Chegamos ao aeroporto — disse a mulher.

— Obrigado novamente — disse Frank, se levantando para pegar sua mochila.

Desceu do ônibus meio fraco, não lembrava o que havia sonhado, mas isso com certeza sugou sua energia. Precisava comer algo antes de embarcar, porque havia comido apenas uma maçã desde que acordara. Olhou para o relógio que ainda marcavam 11h00 da manhã. Seu voo estava marcado para as 13h45min, então haveria ainda tempo de sobra para uma boquinha. Não queria gastar muito, pois sabia que os preços do aeroporto eram muito salgados e precisava guardar o máximo de recursos que possuía, e isso envolvia também grana.

Encontrou um lugar que achou legal para comer um sanduíche de

algo que lhe parecia um patê de frango com queijo cremoso, pegou um refrigerante e uma garrafa de água para encher seu cantil, que sempre levava consigo em suas aventuras com seu avô e Barbara. Isso o fez se lembrar do trio, o que o deixou triste ao ponto de perder o apetite, por isso guardou o lanche no bolso.

Abriu o refrigerante e deu três longas goladas, quase acabando com o conteúdo da lata, mas precisava sentir a bebida gaseificada enchendo o seu peito com a força do gás carbônico e então soltou um enorme rugido, assustando quem estivesse ao seu lado, enquanto outros julgavam o menino por sua falta de educação. Frank deu de ombros e gargalhou. Enfim, era bom rir, mesmo que fosse pra deixar de pensar no que o estava chateando. Logo iria encontrar seu pai, tinha plena certeza disso, ainda que ele tivesse que se sacrificar.

Olhou para o relógio e reparou que este havia parado de se mexer já há algum tempo, marcando ainda 11h00 da manhã. Não podia ser, era o destino pregando mais uma peça contra ele. “Só me faltava ter perdido o voo”, pensou. Saiu correndo para entrar na sala de embarque e foi impedido por uma caravana de pessoas da terceira idade, com mais de sessenta integrantes que estavam indo para Roma em uma excursão, para ver o santo pontífice, o Papa.

Demorou mais de vinte minutos para atravessar a sala de embarque e correr em direção ao portão 26, de onde sairia seu avião para Guam. Frank olhou para o monitor que marcava os voos que estavam decolando. Voltou a correr em direção ao portão quando ouviu no alto-falante uma das comissárias informando que estavam finalizando o embarque: “esta é a última chamada para o embarque no voo 1528 com destino a Guam, nas Ilhas Marianas”.

Enfim, chegou ao portão quando restavam os últimos passageiros a adentrar ao avião. Apresentou seu passaporte para a comissária de voo, além do cartão de embarque que havia baixado em seu celular no app da companhia aérea. Atravessou o portão para acessar o corredor em direção à aeronave quando ouviu bem de longe alguém gritar seu nome, na verdade, parecia ser mais de uma pessoa e, dessa vez, não podia ser coisa de sua cabeça. Virou o rosto inesperadamente para

trás, quando quase caiu com o tamanho da surpresa que vira:

— Frank, espere!

Eram seu avô Walter e sua melhor amiga Barbara vindo ao seu encontro, ambos com mochilas de viagem às costas.

— Onde o senhor pensa que vai sozinho, mocinho? — disse sua amiga com uma voz amável e ofegante, abraçando-o fortemente, quase sufocando o garoto.

Seus olhos encheram-se de lágrimas e um sorriso enorme surgiu em seu rosto.

Agora sim o time estava completo.